

LUTO NA INFÂNCIA POR MORTE REPENTINA DE UM DOS GENITORES

Ana Carla de Matos Freitas^{id¹} e *Deyseane Maria Araujo Lima*^{id²}

Resumo

Este trabalho busca trazer a compreensão das repercussões do luto pela morte repentina de um dos genitores na vida de uma criança, com ênfase para as reverberações psicológicas a curto e longo prazo. O estudo adota uma abordagem qualitativa com uma revisão literária de metodologia fenomenológica, a fim de compreender as experiências de luto na infância após a perda repentina de um dos genitores. A coleta de dados foi conduzida por intermédio de uma revisão bibliográfica narrativa, em bases de dados acadêmicas, sendo utilizados critérios específicos para a seleção de artigos relevantes ao tema. Foram utilizados os seguintes autores: Torres, Ariès, Parkes, Bowlby, Franco, Kovács e alguns outros. A análise está baseada em leituras para identificar e descrever os significados trazidos pelas crianças em relação à morte e ao luto. Os resultados sinalizam que a perda de um genitor na infância pode gerar reverberações profundas na saúde mental, trazendo interferência para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Os fatores como amplo apoio familiar podem favorecer a participação da criança em rituais de despedida, abrindo espaço para diálogos abertos sobre a morte, mostram-se imprescindíveis para uma melhor elaboração do luto e a readaptação ao novo contexto presente. Este estudo mostra que a existência de um apoio adequado tanto dos familiares quanto dos profissionais pode mitigar os impactos, trazendo contribuições ao oferecer formas de estratégias de acolhimento e adaptação para as crianças enlutadas.

Palavras-chave: Morte; Luto; Infância; Genitores.

GRIEF IN CHILDHOOD DUE TO THE SUDDEN DEATH OF ONE OF THE PARENTS

Abstract

This study seeks to understand the repercussions of grief caused by the sudden death of a parent in a child's life, emphasizing short- and long-term psychological impacts. This study employs a qualitative approach through a phenomenological literature review to explore children's experiences of grief after the sudden loss of a parent. Data collection was conducted through a narrative literature review

¹Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: anacarladmf@hotmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: deyseane.lima@yahoo.com.br



in academic databases, using specific criteria to select relevant articles. The following authors were consulted: Torres, Ariès, Parkes, Bowlby, Franco, Kovács and others. The analysis is based on readings aimed at identifying and describing the meanings children ascribe to death and grief. Results show that the loss of a parent during childhood can have profound effects on mental health, impacting emotional and cognitive development. Factors such as robust family support can facilitate the child's participation in farewell rituals, creating space for open dialogues about death, which are essential for healthier grief processing and adaptation to the new circumstances. This study demonstrates that adequate support from both family members and professionals can mitigate the impacts, offering contributions in the form of strategies for supporting and adapting grieving children.

Keywords: Death; Grief; Childhood; Parents.

DUELO EN LA INFANCIA DEBIDO A LA MUERTE REPENTINA DE UNO DE LOS PADRES

Resumen

Este trabajo busca comprender las repercusiones del duelo tras la muerte repentina de un progenitor en la vida de un niño, con énfasis en los efectos psicológicos a corto y largo plazo. El estudio adopta un enfoque cualitativo con una revisión bibliográfica mediante metodología fenomenológica, para comprender las experiencias de duelo en la infancia tras la pérdida repentina de un progenitor. La recopilación de datos se realizó mediante una revisión narrativa de la literatura en bases de datos académicas, utilizando criterios específicos para la selección de artículos relevantes para el tema. Se consultaron los siguientes autores: Torres, Ariès, Parkes, Bowlby, Franco, Kovács y otros. El análisis se basa en lecturas para identificar y describir los significados que los niños atribuyen a la muerte y al duelo. Los resultados indican que la pérdida de un progenitor durante la infancia puede tener profundas repercusiones en la salud mental, interfiriendo en el desarrollo emocional y cognitivo del niño. Factores como un amplio apoyo familiar pueden fomentar la participación del niño en los rituales de despedida, creando un espacio para el diálogo abierto sobre la muerte, y son esenciales para una mejor elaboración del duelo y la readaptación al nuevo contexto. Este estudio demuestra que contar con el apoyo adecuado tanto de familiares como de profesionales puede mitigar los impactos, contribuyendo al ofrecer estrategias de apoyo y adaptación para los niños en duelo.

Palabras clave: Muerte; Duelo; Infancia; Padres.



1. Introdução

O presente trabalho se propõe a investigar como os impactos do luto por morte repentina de um dos genitores pode acarretar a saúde mental infantil, explorando suas ramificações e implicações. A investigação do tema é justificada pelo pequeno número de estudos referentes a essa temática. No âmbito pessoal, justifica-se que a exploração deste tema é de grande relevância na minha trajetória e pode contribuir para minha prática profissional como terapeuta, permitindo oferecer suporte psicológico para crianças que chegarem com demandas dessa natureza.

As perdas repentinhas, violentas e prematuras são consideradas entre as mais difíceis de serem compreendidas e elaboradas (Domingos; Maluf, 2003; Franco, 2005). Nesse sentido, Torres (1996) considera que a morte repentina de um ou ambos os pais é uma das crises mais impactantes para uma criança, pois desafia sua percepção de onipotência ao revelar que seus pais não são invencíveis como ela imaginava. Além disso, ao contrário da morte esperada, nas situações de morte repentina, a criança não tem a oportunidade de se preparar psicologicamente para o evento por meio de um luto antecipatório.

Existe uma negação da sociedade em lidar com a morte, havendo muitas vezes um receio de abordar o tema, dessa forma indicando o medo desta. Para além disso, também existe uma repulsa em relação à ela, sendo vista muitas vezes como uma ação ruim, que amedronta, podendo ser associada a um castigo, ou a finalização da vida. Contemporaneamente é raro alguém morrer dormindo ou morrer em prol da velhice, portanto a morte está ligada de forma inconsciente à violência, a morte causa choque, medo, emociona e provoca reflexões profundas sobre a vida e as possibilidades desta. Discute-se sobre a permanência da morte, pois causa horror e crueldade, a morte é um acontecimento que possui mistério e descobertas para quem a experiência (Marton, 2010).

De acordo Torres (2012), os estudos acerca do tema da morte têm sido mais explorados nas últimas décadas, porém é perceptível que o tema ainda é pouco abordado na área da Psicologia. Quando o tema é voltado às crianças que vivenciam a morte paterna ou materna, nota-se ainda menos pesquisas neste campo. Ao abordar o assunto, a percepção inicial é de que pode haver uma lacuna existente na literatura acadêmica no que se refere a uma análise com profundidade quando se trata da perda de um dos genitores dentro de uma circunstância repentina. Enquanto existem estudos significativos sobre o luto na infância e suas implicações, percebe-se uma escassez de pesquisas centradas especificamente na experiência das crianças que enfrentam a morte de um dos pais, sobretudo de forma repentina.

Para Coelho Filho e Lima (2023), a morte é um evento natural e intrínseco à existência humana, sendo uma experiência inevitável. As percepções sobre a finitude da vida são influenciadas pelo contexto histórico, social, cultural e espiritual de cada indivíduo. Durante a infância, a compreensão da morte, tanto da perda de outras pessoas quanto da própria mortalidade, é gradualmente



formada ao longo do desenvolvimento da criança, sendo influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural em que está inserida.

Conforme Kovács (1992) existe uma urgência em compreender que contemplar a morte é estar em contato constante com a vida, pois a morte é uma inevitabilidade para todos os seres vivos, desde as plantas até os seres humanos. Por conseguinte, entender a morte é entender o próprio processo de desenvolvimento humano e, nesse caso, a arte de morrer é tão importante quanto a arte de viver. Desse modo, refletir sobre a morte não significa apenas lidar com a finitude, mas também abrir-se à compreensão mais profunda da existência humana, pois é necessário reconhecer que o luto faz parte da experiência e precisa ser acolhido. Na infância, essa vivência se manifesta de forma singular, exigindo sensibilidade para compreender como a criança elabora sentidos diante da perda e de que maneira essa experiência atravessa o seu processo de desenvolvimento e constituição de mundo.

Para Sengik e Ramos (2013), ao assimilar o conceito de morte, é possível haver uma conscientização da mortalidade, um processo essencial que liberta o indivíduo ao reconhecer a universalidade da morte (acontece com todos os seres vivos), sua não funcionalidade (cessa as funções biológicas) e irreversibilidade (ao morrer não é possível voltar a vida). No entanto, apesar dessa importância, o ser humano muitas vezes resiste à ideia da morte.

Ariès (1977) pontua que a postura diante da morte foi sendo moldada ao decorrer da história. Na Idade Média, a morte foi caracterizada como domada, ritualizada e pública. Durante esse tempo, os indivíduos, até mesmo crianças, tinham o hábito de chegar e caminhar de forma livre nos locais onde estava presente a pessoa que faleceu. Existia uma visão de morte envolvida por uma familiaridade, sendo um processo considerado como natural, olhado com dignidade e aceitação. Iniciando do século XI até o século XIV, forma-se um marco da morte, do conceito “morte de si”, que quer dizer, o ser humano se aproxima do reconhecimento da sua finitude e da sua própria existência, tornando-se um sentimento mais individual e introjetado.

Nos séculos XIX e XX, começa um distanciamento da sociedade perante a morte, visualiza-se que, quando esta é dada com o outro, é vista de forma com sofrimento atenuado e desafiador de suportar. Do século XX, a morte começa a ser velada e abafada, morrer se torna semelhante à vergonha e tristeza, sendo que o processo começa a ser vivido de maneira solitária, acontecendo continuamente em hospitais, longe dos parentes. O evento da morte não é considerado natural na sociedade contemporânea, sendo vista como um tabu, não sendo estimulada a ser pensada e debatida nas famílias e nas instituições. (Ariès, 1977)

Na lista dos tipos de perdas por morte que podem acometer os indivíduos, este trabalho optou por focalizar a “morte repentina”, entendida como aquela que ocorre de forma súbita e imprevisível. Entre suas causas, podem estar acidentes, suicídios, homicídios, latrocínios, infartos fulminantes, acidentes vasculares cerebrais (AVC), além de desastres naturais ou provocados pelo ser humano, entre outros.



No contexto de luto por morte repentina pode existir uma maior possibilidade em repercutir como um processo de luto complicado. O luto considerado saudável consiste em um processo natural, que está relacionado a perda de uma pessoa significativa, consistindo na capacidade de lidar com as variadas manifestações do processo de luto, em que este não irá influenciar de forma negativa o percurso da vida e onde não seja preciso ajuda profissional especializada (Stroebe; Schult; Finkenauer, 2001). De forma contrária, o Luto complicado é definido pela ampla implacabilidade nas capacidades funcionais da pessoa, trazendo impedimento de voltar ao seu estado de funcionamento antecedente à perda. Tal fenômeno está presente quando o processo de luto se contraria do que é considerado normal culturalmente, incluindo a duração, sintomas e intensidade do luto (Prigerson, 1995). Mesmo diante da existência de variadas definições para o luto saudável e complicado, não está presente um consenso final na literatura.

Parkes (1998) aborda sobre como a perda ocorrida de forma repentina gera um intenso sofrimento àqueles que ficaram, como choros intensos, tristeza proeminente, uma maior sensação de abandono, saudade e um grande desânimo. Além disso, as pessoas que perdem alguém de forma repentina mostram um expansivo sentimento de raiva, culpa, depressão e falta de conformidade. Consequentemente, essas questões acabam desencadeando problemas de saúde, pela memória pungente daquele que se foi, diferentemente de pessoas que perderam alguém por questões relacionadas às doenças, que tiveram oportunidade de ter um conhecimento prévio do fato. O autor conclui que a morte não elaborada reflexivamente, quando ocorrida de forma inesperada, pode constituir um fator de risco para o processo de luto, favorecendo o desencadeamento de quadros depressivos e ansiosos, bem como comprometendo a regulação afetiva e a elaboração cognitiva das emoções do enlutado.

Os comportamentos de apego dos adultos mostrados em relação à perda repentina de um vínculo importante, é considerado como um fato ocorrido estressor. Existe a compreensão de que, diante das reações desencadeadas pelo falecimento de uma pessoa próxima e significativa, o padrão de apego estruturado desde a infância exerce influência nas formas de enfrentamento e elaboração da perda. Dessa maneira, o sujeito recorre aos recursos emocionais sustentados pela qualidade dos vínculos estabelecidos anteriormente (Bowlby, 2004).

Diante do exposto, destaca-se que o objetivo dessa pesquisa é compreender quais as repercuções do processo de luto por morte repentina de um dos genitores podem influenciar a saúde mental de crianças. O estudo se justifica devido a necessidade de aprofundar a compreensão sobre o impacto do luto por morte repentina de um dos genitores na saúde mental infantil, considerando não apenas os efeitos imediatos, mas também suas repercuções a longo prazo no desenvolvimento emocional e psicológico da criança. Ao investigar essa temática, espera-se contribuir para pesquisas nesse âmbito e para a ampliação do conhecimento acadêmico na área da Psicologia, fornecendo subsídios para psicoterapias mais sensíveis e eficazes, com o objetivo de



oferecer um auxílio adequado a crianças e familiares que enfrentam a perda inesperada de um ente querido.

2. As percepções sobre a morte

A refletir sobre a morte, Ariès (1977) aponta que ocorreram mudanças, no modo como o sujeito se relaciona com a morte, depois da Primeira Guerra Mundial, apesar de que, ao longo do tempo, existirem atitudes e comportamentos distintos diante dela. O processo de industrialização e o modo de como as pessoas começaram a se relacionar com a morte tornaram-se não proporcionais, quanto mais a presença da industrialização em um espaço, menos havia espaço para o assunto da morte. Por outro lado, quanto menos presença de industrialização, mais se notava espaço para falar sobre ela. Longbottom e Shaughter (2018) consideram que no último século alguns fatos, como o declínio da mortalidade infantil, o crescimento da urbanização e o crescimento da efetividade dos cuidados de saúde, trouxeram uma menor exposição da morte e do morrer para as crianças.

Considerando o avanço tecnológico no século XXI, observa-se que este desempenhou um papel crucial no aumento do tabu em torno da morte. A tecnologia, ao produzir a sensação de controle sobre o morrer, seja por meio dos avanços da medicina, do aumento da expectativa de vida ou da criação de recursos que prolongam artificialmente a existência — reforçou a ideia de que a morte deve ser evitada ou postergada a todo custo. Essas percepções contribuíram para o distanciamento das pessoas em relação ao debate sobre a finitude, tornando o tema ainda mais inacessível e, muitas vezes, ausente do cotidiano.

Paiva (2011) explica que pode haver uma problematização no diálogo sobre a morte com adultos, essas problematizações podem ser ainda mais pertinentes no diálogo sobre este tema com crianças. Vendrusculo (2005) retrata que a percepção da criança sobre a morte depende da forma que o tema é mostrado e de como a família se relaciona com as queixas e as expressões da criança.

De acordo com Franco e Mazorra (2007), quando a criança perde um de seus pais, pode sentir um grande desamparo e abandono, além de preocupações sobre quem cuidará dela no futuro. Isso pode levar a uma reorganização significativa da rotina e das finanças familiares. Assim, entende-se que o tema da morte é complexo devido às questões de ampla vulnerabilidade envolvidas, a falta de conhecimento e a ausência de uma educação sobre o assunto. Por ser um fenômeno desconhecido e incontrolável, a morte é um evento universal que todos serão atravessados em algum momento da vida, inclusive as crianças. (Paiva, 2011).

Segundo os estudos de desenvolvimento infantil de Jean Piaget, no âmbito cognitivo, a representação da morte inicia quando a criança chega no período operatório concreto (Von Hohendorff; Mello, 2009). Durante esse tempo, existe uma capacidade expandida de coordenação, interiorização,



descentralização, trazendo à reversibilidade operatória, com mudanças e reciprocidades (Piaget, 1969; 2015). Esses aspectos permitirão que a criança aprenda os conceitos, que também são nomeados subconceitos de forma inerente relacionados a morte: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade, e por consequência, o próprio conceito de morte, que é profundo e possui várias dimensões.

Dada a expansão do entendimento da criança sobre os conceitos como irreversibilidade e universalidade da morte, alinha-se com a ampliação do entendimento da morte no decorrer das fases na infância. Dos 6 aos 11 anos, quando a criança tende a conceber a morte como irreversível, há uma relação direta com o período operatório concreto, proposto por Piaget, ocorrendo internalização de conceitos lógicos e mais aprofundados, reverberando em mudanças cognitivas fundamentais no luto.

De forma resumida, o desenvolvimento na infância referente ao luto pode ser apresentado da seguinte forma: primeira infância, de 0 aos 2 anos de idade, quando a criança comprehende a morte como ausência; segunda infância, dos 2 aos 6 anos de idade, quando a morte é vista como algo reversível; terceira infância, dos 6 aos 11 anos, período em que a criança tende a comprehender que a morte não é reversível e acontece com todos os seres vivos (Paiva, 2011; Papalia, Feldman, 2013; Gonçalves, 2016).

Alguns estudos visualizam que crianças com menos de cinco anos têm uma compreensão de morte como algo reversível, bem semelhante com o sono e a separação, ainda não existindo uma compreensão de causa e efeito (Torres, 1987). Diante dessa circunstância, é fundamental explicar à criança que a pessoa faleceu, utilizando exemplos concretos relacionados a experiências próximas que ela tenha vivenciado, como, por exemplo, a morte de um animal. A utilização de informações falsas pode gerar sentimentos de raiva e frustração em relação ao adulto que transmitiu a mentira, desencadeando conflitos na relação de confiança.

Entre 5 e 7 anos de idade, a criança já pode receber explicações mais detalhadas sobre o evento, considerando que sua habilidade de comprehender relações de causa e efeito ainda está em desenvolvimento. A partir dos 8 anos, ela tende a comprehender a morte como irreversível, embora nem sempre como um fenômeno natural, podendo interpretá-la como uma punição. Diante disso, torna-se responsabilidade do adulto explicitar possíveis distorções conceituais, com o objetivo de aliviar sentimento de culpa e prevenir a manifestação de sintomas psicossomáticos.

Aos 9 anos, a morte começa a ser comprehendida como algo universal e não obrigatoriamente conduzida por alguém, de forma que a criança mostra a capacidade de estar inclusas em conversas como os adultos (Torres, 1987). Em todas as hipóteses, em qualquer idade que a criança esteja, é necessário informá-la sobre os acontecimentos, adaptando a linguagem e a complexidade da explicação em relação às suas possibilidades de entendimento.

Portanto, o luto ocorre de forma progressiva, passível de elaboração e, sobretudo, permeado pela subjetividade, podendo manifestar-se por meio de



brincadeiras, fantasias, amigos imaginários, comportamentos regressivos, incontinência urinária e encoprese (Franco; Mazorra, 2007). É fundamental oferecer à criança diferentes possibilidades para que ela expresse, dentro de seu próprio tempo e respeitando seus limites, os sentimentos e emoções decorrentes da perda.

As autoras analisam o quanto é recorrente crianças que passam por processo de perdas mostrarem comportamento regredidos, no meio familiar e escolar. Pode haver dificuldade na expressão de sentimentos e emoções por motivos de falta de aceitação das pessoas ao redor, em que as crianças são percebidas de forma recorrente como alvo de zombaria, o que prejudica o processo de luto. Nos estudos sobre literatura infantil, observa-se uma relação aproximada entre a faixa etária e as formas de expressão dos comportamentos relacionados ao luto.

Klinger (2021) enfatiza que é importante ser considerado que não existe um tempo cronológico para o luto, sendo este subjetivo, não havendo idade e não tem um aspecto mais patológico numa fase específica da vida, como na infância. A morte repentina de um dos genitores pode acarretar um conjunto de mudanças que vão além da ausência física do indivíduo. Quando isso ocorre, a criança perde também o genitor sobrevivente na forma como este se apresentava antes do evento, podendo surgir alterações nos aspectos emocionais, comportamentais e nos papéis familiares, os quais necessitam de reajustes (Raimbault, 1979).

O autor aponta que a criança é inserida em uma função ainda mais complexa que a do adulto, uma vez que, diante da morte, ela é privada de uma base sólida de referência e de identificação. As referências da criança diante daqueles que sobreviveram é mudada, sendo importante considerar que estes também se encontram enlutados, o que modifica suas formas de se manifestar e se comportar. Diante disso, com a morte de um genitor, a criança também perde seu mundo habitual, tornando-se desafiador lidar com toda a amplitude de sentimentos que surgem com a mudança da família (Franco; Mazorra, 2007).

Com a urbanização, observou-se um crescente aumento da violência, acidentes e abusos de drogas, resultando em maior ocorrência de mortes violentas e de caráter traumático, que constituem fatores de risco para o desenvolvimento de luto complicado. A morte escancarada impede qualquer preparo antecipatório para o evento e envolve múltiplos fatores que podem dificultar a elaboração do luto, tais como: perdas múltiplas (morte de várias pessoas dentro do mesmo contexto familiar), perdas invertidas (filhos e netos que morrem antes de pais e avós), corpos mutilados, ausência de corpos (desaparecimento) e cenas de violência (Franco; Mazorra, 2007).

A morte escancarada pode ser definida como algo com grande poder de repercussão na mídia e uma expansão de alcance nos meios de comunicação com a massa, as mortes que envolvem catástrofe, tragédias e violências são exibidas constantemente, muitas vezes de forma sensacionalista e banal. Como o presente trabalho foca nas mortes repentinhas, muitas delas podem ter esse caráter escancarado, podendo trazer repercussões na forma que os enlutados



vivenciam seu luto. Rodriguez (2010) ressalta a importância de refletir sobre a causa de tantas mortes sem justificativas, em volta de mortes escancaradas, que invadem a vida das pessoas sem proteção ou antídotos, ampliando sentimentos de vulnerabilidade e exposição. Alguns exemplos de morte escancarada se encontram em situações de violência traumática, catástrofes, desastres, suicídio e homicídio.

A forma como os seres humanos se relacionam com a morte foi modificada ao longo do tempo, sobretudo com a urbanização e avanços na medicina, causando uma diminuição à exposição direta a ela. Para as crianças, a percepção sobre a morte é desenvolvida de forma gradual, onde se torna imprescindível que os adultos possam trazer explicações claras e apoio, respeitando as fases de desenvolvimento. O luto na infância é influenciado pela forma como a família lida com a perda e pela possibilidade de um ambiente seguro onde a criança possa expressar seus sentimentos. No caso de mortes repentinas e expostas na mídia, como tragédias e violência, o impacto pode ser ainda mais intenso, podendo gerar sentimentos de vulnerabilidade, exposição e vergonha, onde muitas vezes os fatos repassados pelos meios de comunicação podem estar distorcidos. Dessa forma, uma abordagem respeitosa ao contexto e a subjetividade da criança e da perda é essencial para uma adaptação mais saudável à circunstância.

3. Metodologia

Este estudo se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2014), possibilita a compreensão de indivíduos ou grupos acerca de uma temática específica. Por meio da análise qualitativa, podem ser capturadas nuances, experiências e significados individuais associados ao luto das crianças. A escolha por esta abordagem se justifica pelo intuito de abordar a natureza complexa e subjetiva do luto na infância.

Este trabalho consiste numa revisão literária com enfoque em pesquisas de abordagem fenomenológica, embora o estudo aqui apresentado não se constitua como pesquisa fenomenológica propriamente dita. A análise foi realizada a partir de dados previamente publicados em outros trabalhos, buscando uma releitura das experiências relatadas, despida de julgamentos pré-estabelecidos, a fim de compreender a essência das vivências documentadas na revisão literária realizada.

O método utilizado para a coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica narrativa. Segundo Ribeiro (2014), a revisão bibliográfica narrativa, ou tradicional, tem um direcionamento prioritário de fornecer “sínteses narrativas”, que possibilitam selecionar conteúdos de obras distintas, podendo ser apresentadas ao leitor de forma clara e sem a necessidade da descrição dos critérios de seleção e coleta das obras incluídas, atribuindo liberdade ao pesquisador para a seleção de textos.

Por este meio foi realizada uma busca em bases de dados acadêmicos, como Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências



da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando termos de busca relacionados ao tema, como "morte", "luto", "infância", "genitores" entre outros. Foram incluídos artigos científicos, livros, dissertações e teses relevantes que abordam o luto na infância e suas repercussões.

Os critérios de inclusão para este estudo são: (1) artigos científicos, dissertações, livros e teses publicados nos períodos dos últimos 20 anos (2004-2024), (2) materiais disponíveis em português e espanhol, (3) estudos que abordam de forma mais direta o luto na infância, sobretudo em decorrência da morte repentina de um dos genitores, (4) publicações que explorem as implicações emocionais, psicológicas e sociais dessa categoria de luto, e (5) fontes oriundas de bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Google Acadêmico, LILACS e SciELO. Os critérios de exclusão foram: (1) trabalhos de opinião ou que não apresentem base empírica ou teórica sólida sobre o tema. (2) artigos que não se encaixam no escopo da pesquisa (3) artigos não disponíveis na íntegra. (4) artigos duplicados.

Foram identificados 22 artigos, entre os quais 12 não abordam o tema de forma específica. Os 10 artigos restantes foram analisados, sendo 2 encontrados na LILACS, 3 no SciELO e 4 no Google Acadêmico. A busca nas bases de dados foi realizada de forma intencional, caracterizando-se como uma escolha deliberada e criteriosa dos dados para o estudo, com o objetivo de compreender fenômenos complexos, conferindo maior relevância e profundidade à análise.

Optou-se por analisar os dados retomando de forma contínua em relação à pesquisa a "redução fenomenológica", que se estabelece em "colocar o mundo exterior de lado para que a pesquisa se dê somente as operações feitas pela consciência" (Graças, 2000). Utilizando outras palavras, foi importante suspender os juízos e julgamentos para serem realizadas as análises com o objetivo de compreender os significados apresentados em volta das percepções sem nenhuma categoria previamente estabelecida (Sokolowski, 2014). Em relação a análise fenomenológica, foi realizada uma leitura inicial detalhada (sem notas) e, em seguida, uma leitura focando na linguagem utilizada pelos autores. Por fim, realizou-se uma terceira leitura focada nos conceitos fenomenológicos e, então, foi possível trazer clareza em uma descrição e reflexão dos significantes voltados às percepções (Giorgi, 1985). Os dados obtidos, por meio do levantamento bibliográfico, serão analisados na sequência.

4. Resultados e discussões

A fim de facilitar a compreensão dos dados obtidos, incluindo ano de publicação, título, autores, objetivos e resultados de cada pesquisa bibliográfica selecionada, foi feita a opção por organizá-los em forma de quadros, apresentados a seguir.



Quadro 1 – LILACS.

ANO	DADOS DOS ARTIGOS		
2022	Titulo	Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas	
	Autores	Alencar, Vanilla Oliveira; Nascimento, Isabel Regiane Cardoso do; Santos, Igo Borges dos; Almeida, Luana Mara Pinheiro.	
	Objetivos	Apresentar como crianças hospitalizadas compreendem o conceito de morte, além de suscitar reflexões sobre o tema do óbito na infância.	
	Resultados	Depoimentos revelam que, embora os adultos tentem afastar as crianças de discussões sobre a morte, elas frequentemente se deparam com o tema sem o suporte necessário. Casos demonstraram a falta de acolhimento quando a criança perdeu um ente querido, reforçando a crença de que as crianças não possuem recursos psicológicos e intelectuais para lidar com a morte.	
2013	Titulo	Concepção de morte na infância	
	Autores	Sengik, Aline Sberse; Ramos, Flávia Brocchetto	
	Objetivos	Refletir sobre a concepção de morte na infância a partir de falas de quatro crianças com idade entre três e quatro anos de idade, encaminhadas para avaliação psicológica no período de 2008 a 2011.	
	Resultados	A morte de um ente querido, segundo Larrosa (2002), é uma experiência que atravessa todos, independentemente da idade. Mesmo crianças de 3 e 4 anos, com uma linguagem ainda rudimentar, encontram formas de expressar essa vivência. A perda é entendida como uma experiência singular e irrepetível, marcada pela incerteza e pela abertura para o desconhecido, algo que não pode ser antecipado ou previsto.	
2020	Titulo	A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio	
	Autores	Giaretton, Daynah Waihrich Leal ; Olesiak, Luísa da Rosa; Muñchen, Mikaela Aline Bade; Quintana, Alberto Manuel	
	Objetivos	Compreender, pela perspectiva de docentes de escolas públicas de ensino fundamental, como a temática da morte está inserida no ambiente escolar e de que forma ela é abordada com os alunos, em especial na infância.	
	Resultados	A escola desempenha um papel fundamental na formação e precisa abordar temas importantes para o desenvolvimento, como as perdas e a morte. As seguintes categorias destacam como essas questões podem ser tratadas no ambiente escolar: o papel do professor e da escola diante da morte; os espaços da escola para o luto, que muitas vezes constroem um silêncio sobre o tema; e as possibilidades de abordar a morte na infância de forma adequada.	



2011	Titulo	Morte Concepção de morte na infância na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança
	Autores	Lima, Vanessa Rodrigues de; Kovács, Maria Julia.
	Objetivos	Verificar sua adequação ao seu nível de desenvolvimento cognitivo e compreender o papel da família na elaboração do luto no que tange às informações e sentimentos compartilhados.
	Resultados	Os resultados destacam a importância de uma comunicação aberta e clara sobre a morte com a criança, ajustada ao seu nível de compreensão. Compartilhar sentimentos e o apoio social da família extensa são benéficos no período pós-morte. Conclui-se que, embora seja difícil, comunicar a morte de um parente próximo é essencial e deve ser feita por alguém com fortes laços afetivos com a criança, seguindo cuidados básicos.
2007	Titulo	Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor
	Autores	Franco, Maria Helena Pereira ; Mazorra, Luciana
	Objetivos	Investigar fantasias da criança enlutada pela morte de um ou ambos os pais e sua relação com o processo de elaboração do luto.
	Resultados	A fantasia de culpa edípica pela morte do genitor foi a mais comum, influenciada por uma relação ambivalente com o genitor falecido, pensamento egocêntrico típico do estágio pré-operatório e o desenvolvimento psicossexual no momento edípico. A culpa pela destrutividade também emergiu, associada a uma relação confusa com os pais, medo da agressividade familiar, identificação com aspectos negativos dos pais e o segredo em torno da causa da morte.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 2 - Google Acadêmico.

ANO	DADOS DOS ARTIGOS	
	Titulo	Morte Repentina de Genitores e Luto Infantil: Uma Revisão da Literatura em Periódicos Científicos Brasileiros
2011	Autores	Márcia Camaratta Anton, Eveline Favero.
	Objetivos	Revisar as publicações em periódicos científicos brasileiros a respeito do luto infantil decorrente da morte repentina de um ou ambos os genitores, publicados nos últimos quinze anos. Além disso, busca investigar quais as possíveis consequências emocionais deste evento na vida da criança e as diferentes abordagens psicoterápicas utilizadas.
	Resultados	Desenvolvimentos teóricos sobre a perda de genitores na infância são fundamentais, pois a morte repentina pode gerar consequências a curto, médio e longo prazo. Ações profiláticas, como o diálogo aberto com a criança, orientação psicológica e, em muitos casos, psicoterapia, são essenciais para minimizar os danos. O atendimento psicoterapêutico



		ajuda a criança e a família a elaborarem a perda, especialmente quando os cuidadores também estão enlutados. A expressão de emoções, seja por meio do diálogo ou do brinquedo em um ambiente acolhedor, pode auxiliar na adaptação ao momento desorganizador.
2022	Titulo	O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca dessa experiência na infância
	Autores	Any Caroline Lopes da Silva
	Objetivos	Compreender como se manifesta o luto na infância e promover um debate no que se refere a essa temática, trazendo como ponto a ser discutido a escola frente a crianças que vivenciam um processo de luto
	Resultados	Os resultados indicam que crianças possivelmente tiveram seu rendimento escolar prejudicado diante do silêncio em torno da morte e das reações apresentadas durante o luto. Concluem os autores que, ainda que a temática seja frequente na escola, professores carecem de formação para abordá-la com a intenção de apoiar as crianças enlutadas, ficando a família como única responsável por esse apoio.
2012	Titulo	Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira
	Autores	Glenda Ramos Ebert de Mello; Louizia Pinto Lima; Daniela Cristina Belchior Mota
	Objetivos	Sistematizar o conhecimento acerca do luto a partir da perspectiva das crianças, identificando como se dá a elaboração do luto na infância, os possíveis sintomas, os fatores influentes na sua elaboração e como tais fatores repercutem no universo infantil.
	Resultados	Diante dos resultados nota-se uma necessidade de maiores estudos na área a fim de desenvolver diretrizes que possam embasar o manejo de tal momento, não somente no campo da Psicologia como também em equipes multidisciplinares e áreas correlatas
2018	Titulo	A elaboração do luto infantil na perda do genitor
	Autores	Renata Duarte Prado
	Objetivos	Enriquecer e proporcionar um novo olhar à essa criança na perda do genitor, e compreender os aspectos que o envolve, as crianças muitas vezes podem não conseguir falar da sua dor, mas com certeza expressarão de outras maneiras.
	Resultados	A morte é uma das dores mais desafiadoras na vida social, especialmente dentro da família, pois rompe o equilíbrio e exige uma readaptação familiar. O vínculo materno começa no ventre e se fortalece ao longo da infância, especialmente durante a amamentação. A participação do pai e os cuidados na infância também são fundamentais para edificar esse vínculo, fortalecendo a base segura entre pais e filhos.

Fonte: Dados da Pesquisa.



Quadro 3 – Livros.

Ano	Dados do Livro	
	Título	Autores
2020	Psicoterapia online infanto juvenil em tempos de covid	Alexandra Borges dos Santos Silveira; Aline Ataide Del Raso; Bárbara Reis de Farias Maglia; Bianca Chiaradia; Cintia Lavratti Brandão; Deyseane Maria Araújo Lima; Joanna Caroline Oliveira Mariana Pajaro; Sânia Silva Gomes ; Rosana Zanella Vladya; Tatyane Pereira de Lira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Para a análise dos dados, é importante considerar que, conforme Estanislau e Bressan (2014), a saúde mental da criança pode ser compreendida como aquele que apresentam desenvolvimento cognitivo, emocional e social satisfatórios para a idade, indicando também relevância ao levar em consideração sua capacidade de estar lidando com os desafios cotidianos.

Um bom desempenho de aprendizagem pode estar relacionado a uma boa saúde mental, pois é compreendido que, quando esta se encontra negligenciada, poderá afetar consideravelmente a aprendizagem. Dessa maneira, saúde mental na infância é um conceito amplo, sendo influenciada pelo fato de que as necessidades mais básicas estejam sendo supridas, como aspectos fisiológicos, segurança, relacionamentos, e aspectos mais complexos, como autoestima, realização pessoal, dentre outros. É importante destacar que, para que os aspectos mais complexos estejam supridos, os básicos precisam também estar funcionando como uma espécie de pré-requisito

A saúde mental na infância se encontra diretamente relacionada ao suprimento das suas necessidades básicas até as mais complexas. Quando essas necessidades são ameaçadas, como no contexto da perda de um dos genitores, a saúde mental da criança pode ser significativamente impactada. Rodrigues e Prebianchi (2021) apontam que vivências de experiências estressoras, como a perda de uma pessoa com a qual a criança mantém um vínculo afetivo intenso, podem causar grande impacto em seu bem-estar emocional, gerando desafios para lidar com a rotina e se desenvolver de maneira saudável.

A criança quando inserida no processo de perda, pode ter a presença de sentimentos, como insegurança e abandono, tais questões ocasionam medo de perder outras pessoas que estão próximas, podendo causar sentimentos intensos, como culpa e falta de potência, podendo exigir muita atenção e cuidado em sua volta, pois pensar na morte nos leva a refletir mais sobre a vida. Desse modo, abre espaço então à necessidade de uma nova adaptação diante da compreensão da criança entre o ambiente familiar, a partir do processo de amadurecimento de estrutura psicológica. É importante que a criança estabeleça um laço afetivo e prolongado dentro do lar para que lhe traga segurança, podendo dar um novo significado à vida.



Faz-se presente a necessidade de a criança ter uma base sólida e segura para a sua sobrevivência, não apenas por instinto, mas porque é um critério importante para seu desenvolvimento. Quando há uma quebra de vínculo, a criança não apenas tem o seu desenvolvimento comprometido, mas também suas questões biológicas, psicológicas e sociais comprometidas. A relevância dos vínculos na estrutura psíquica e social dos seres humanos se concretizam diante do investimento de afetividade e sensibilidade que provém da mãe para responder às necessidades e comunicações da criança (Winnicott, 2008).

Segundo a teoria do apego de Bowlby (2004), o início da infância é considerado uma etapa crucial, pois é nesse período que a criança necessita de cuidados e atenção amplos por parte dos pais. A ausência desses cuidados nesse período pode trazer reverberações muito relevantes no desenvolvimento cognitivo e também emocional da criança. Ou seja, durante esse período, é fundamental que a criança experience sensações de segurança, amor e proteção em relação aos cuidados parentais (Ribas; Souza, 2020).

Dessa forma, a perda de um genitor repercute significativamente na saúde mental da criança, afetando tanto seu desenvolvimento emocional quanto cognitivo. Nesse contexto, a segurança proporcionada pelos laços afetivos com cuidadores sobreviventes assume papel fundamental no enfrentamento de situações desafiadoras, como o luto. A interrupção desses vínculos pode provocar desorganização emocional, gerando sentimento de insegurança e abandono. Entretanto, com o apoio adequado do cuidador sobrevivente, a criança pode desenvolver estratégias de adaptação. Além disso, o retorno à rotina e a manutenção das relações familiares durante o processo de luto representam desafios importantes, sendo essencial que, após um período de ajuste, a rotina seja retomada para que a criança compreenda que, apesar das adversidades enfrentadas, a vida segue seu curso, oferecendo novas possibilidades e perspectivas (Borges; Cia, 2021).

Compreende-se que a morte repentina de um genitor tem impactos distintos sobre a vida psíquica e emocional da criança em relação às mortes que possam ser esperadas ou até mesmo entendidas como uma parte esperada do ciclo da vida — como, por exemplo, a morte de avós ou pais que se encontram em uma idade mais avançada, quando o filho está na fase adulta. É importante considerar esses fatos, porque perdas abruptas, que ocorrem de forma acidental ou intencional, geralmente possuem traços traumáticos para os familiares sobreviventes e, sobretudo, para as crianças. (Kinijink; Zavaschi, 1994).

Além disso, é necessário compreender os pontos de vista da família sobre os mais variados temas, especialmente em relação à finitude e à morte, pois esses aspectos influenciam a maneira como a criança percebe o assunto. Caso a família não abra espaço para conversar sobre o tema ou desvie a atenção quando surgem questionamentos da criança, é necessário oferecer orientações que auxiliem na compreensão dos desafios familiares e promovam a abertura de informações para a criança. Trata-se de uma ação de respeito: buscar entendimento sobre a espiritualidade e o âmbito religioso da família e da criança,



garantindo uma escuta atenta às explicações acerca da morte, sem julgamentos (Lima, 2020).

A família ou os responsáveis pela criança devem ser orientados em relação ao falecimento da pessoa em questão, sendo necessário comunicar de forma transparente e natural o que ocorreu, esclarecendo as dúvidas da criança. Nesse sentido, pode-se apresentar uma visão sobre a morte sem entrar em detalhes do ocorrido. Algumas questões podem surgir imediatamente, enquanto outras podem aparecer mais tarde, como forma de questionamento da criança (Franco; Mazorra, 2007). Caso a família não consiga responder no momento ou não tenha possibilidade de fazê-lo, é recomendável ser honesto com a criança, informando que irá pesquisar ou que poderão conversar melhor sobre o assunto em outro momento. Após essa investigação ou quando a família se sentir mais segura, é imprescindível retornar à conversa e abordar os questionamentos da criança (Lima, 2020).

Para auxiliar a criança a lidar com a morte, é imprescindível que a família ou responsáveis dialoguem sobre o tema com transparência e naturalidade, trazendo adequação às explicações ao nível de compressão da criança e oferecendo espaço para dúvidas que possam aparecer. Não é preciso detalhar todos os aspectos do falecimento, porém, é importante que o adulto esteja aberto a retomar o diálogo caso novas questões possam aparecer, mostrando respeito pelos sentimentos da criança. Além disso, práticas religiosas e perspectivas espirituais da família podem ter um papel relevante, trazendo conforto e auxiliando a criança a formar uma visão mais acolhedora e compreensiva em relação à perda.

A forma como a família traz condução às práticas religiosas e seus pontos de vista sobre a espiritualidade, são pontos relevantes, sobretudo quando se trata de questões relacionadas à morte. Desse modo, a perspectiva da família poderá ter um impacto na forma como as crianças também as enxergam, podendo possibilitar contribuições na maneira como elas irão lidar com o luto, por existem práticas que promovem bem-estar e de certa forma um consolo, mesmo que momentâneo.

Conforme mencionado por Kovács (2008), muitas vezes, os adultos evitam falar sobre a morte na tentativa de proteger a criança, acreditando que essa proteção possa aliviar a dor e alterar a realidade de forma mágica. No entanto, o que realmente acontece é que a criança se sente confusa e desamparada ao não ter com quem conversar sobre o assunto.

O modo como visualizamos a morte influencia diretamente a nossa forma de ser, pois a vida e a morte estão interligadas ao longo todo o processo de desenvolvimento na vida. Quem crer que a morte só é uma questão no final da vida e que apenas nesse momento deverá pensar sobre ela, comete um equívoco, temos a opção de tentar esquecer, desconsiderar e até mesmo “matar” a morte. Existe a perspectiva que a filosofia e a forma de viver no século XX trazem veementemente esse posicionamento, mas com uma efetividade relativa (Kovács, 2012).

Quando falamos sobre a questão cíclica da nossa existência, pode ser



considerada uma forma para dialogar com a criança sobre o tema da forma, ainda que esta não tenha experimentado essa questão na sua família ou em outros relacionamentos próximos. Para dialogar sobre a finitude com a criança podem ser usados recursos como livros de histórias infantis para manejar questões vivenciadas pela criança (Lima, 2020).

As histórias infantis podem trazer questões ligadas ao apego, separação e falecimento de amigos, animais de estimação ou familiares, o adoecimento, auxiliando a criança a acessar essas situações desafiadoras. Essas histórias abrem possibilidade de serem projeções da realidade psíquica em que a criança está inserida, onde irá trazer um significado de cada história, considerando o seu atual momento, a depender dos seus interesses e as necessidades presentes. Ler os livros pode ser uma forma de encontro da criança com seus familiares, havendo uma relevância para ambos (Oaklander, 1980).

Parte dos adultos têm a crença que as crianças não podem compreender o significado da morte, dessa forma alguns creem que contar uma narrativa onde o genitor foi fazer uma viagem, ou que este foi para o céu, seria uma possível solução temporária, mas, essas verbalizações podem causar ainda mais sofrimento, tendo em vista que o seu comprometimento está voltado ao desenvolvimento psíquico, orgânico e cognitivo. Muitos adultos acabam não permitindo que a criança participe do processo de morte e de seus ritos, portanto é importante rever onde a morte entra dentro da existência dos seres humanos, com o intuito de proteger a criança do sofrimento em relação à partida do ente querido. O adulto tenta privar a criança da verdade, porém esta está no processo de sua estruturação e formação de sua personalidade, essa atenção é maior ainda (Kovács, 2018).

Desse modo, mostra-se essencial que a família, ou os responsáveis, abordem a temática de forma transparente e sensível, de acordo com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Ao evitar falar do assunto, ou trazer explicações que gerem fantasias, poderá trazer mais confusão e sofrimento a estas. Dar abertura para conversas sinceras, de uma forma que se adequa a idade e crenças da criança, pode proporcionar um ambiente bem mais acolhedor, onde ela terá mais oportunidades de elaborar suas emoções de uma forma saudável e gradual, trazendo fortalecimento ao seu desenvolvimento psíquico e o entendimento de forma ampliada da vida e da morte.

Um luto considerado saudável é aquele onde a pessoa tem uma conformação com as mudanças que ocorreram em seu mundo exterior e esta traz um conjunto de modificações internas e que repercutem uma reorganização das representações da pessoa. Um luto bem elaborado não é definido apenas em desligar-se da relação com a figura significativa (Field, 2006), dentro da teoria da vinculação, já descrita, foi a primeira a falar sobre a perspectiva de continuação do vínculo sem referir-se a essa manifestação como algo patológico.

De forma mais sólida, a morte significa o desaparecimento físico de alguém que se ama, porém não significa obrigatoriamente que a relação, mais especificamente, o vínculo, precisa ser encerrado. Ainda que de forma transformada, pode continuar existindo, ou seja, possui uma continuidade deste



(Root; Exline, 2014). Há evidências científicas indicando que pessoas que mantém o vínculo com a pessoa falecida, seja através de sonhos, pensamentos, diálogos, pertences, podem experienciar um luto adaptativo. Considerando esses fatos, a continuidade, de forma que haja manutenção desse vínculo, parece trazer contribuições para facilitar como a pessoa enlutada vive a experiência de mudança do passado para o presente e futuro.

Aberastury (1984), aborda que existem uma gama de fatores na influência ao luto das crianças, podendo ser facilitadores ou dificultadores. Incluídos nesses fatores, são ressaltados o que a criança sabe sobre a perda, os padrões das relações familiares anteriores, às modificações após a morte, e, sobretudo, a chance que lhes é dada para estar expressando seus sentimentos e emoções (Domingos; Maluf, 2003; Franco; Mazorra, 2007; Torres, 1996).

Em um trabalho psicoterápico, quando a criança apresenta dificuldades na elaboração do luto, Knijnik e Zavaschi (1994), refletem sobre a importância de dar atenção para as questões antecedentes e posteriores ao trauma, que de maneira cumulativa podem elevar o risco de um prognóstico ruim. Entre estes, é visto, por exemplo, reverberações intensas da perda de um familiar no qual a crianças esteve sob os cuidados, mais de uma perda dentro da família, mudar a escola e cidade, a ausência de comunicação clara sobre a temática e a falta de possibilidade de expressar o que é sentido. Para além disso, entram em grupos de risco, para os autores, crianças que vem de família disfuncional, com conflitos conjugais, onde experienciam relações de conflito ou histórico de separação estendida de um dos pais.

Alguns autores, como Domingos e Maluf (2003), Franco (2005) e Zavaschi (2002), trouxeram a possibilidade da presença de segredos relacionados à morte ou a sua causa, a ausência de rituais de despedida, falta de suporte e outras perdas antecedentes no decorrer da vida da criança, incluindo perdas simbólicas ou reais. Dessa forma, Zavaschi (2002) discutem que a falta de participação nos rituais fúnebres de morte de um dos genitores por parte da criança pode gerar um aumento dos índices de depressão na vida adulta e a experiência de sentimento de culpa. Essa questão realça a importância de acolhimento e permissão para que a criança tenha possibilidade de participar e falar de forma livre sobre o que sente com seus parentes.

Assim como os adultos, as crianças também podem sentir saudades e poderá ser necessário que alguém se prontifique para estar apoiando e as ouvindo. Podem surgir sentimentos mais diversos como raiva, culpa, tristeza, medo da morte, tanto sua quanto dos outros parentes que ficaram, é crucial que esses sentimentos sejam validados por quem está perto. A criança pode não esquecer quem faleceu, portanto, pode ser importante estimular a lembrança deste por quem está ao seu redor, à medida que essa criança for crescendo, ela possa ser encorajada a buscar informações para conhecer mais essa pessoa significativa em sua vida.

Compreender e aceitar a nova realidade, para a criança é um processo, assim como aceitar as mudanças no vínculo. O vínculo do outro genitor com a criança se torna mais desafiador em relação a reconstrução do universo dela,



pois além de lidar com seu luto, também lida com angústias, com uma diminuição da sua autoestima, raiva, negação, culpa, insegurança e falta de potência (Paiva, 2011).

A criança que é privada de ir ao funeral, quando exposta a esse tipo de situação, começa a compreender que existe algo que não está correto, vivenciando de forma intensa a sensação de abandono, relacionando a ira e angústias, a intervenção psicológica voltada à essa criança deve ser encaminhada o mais rápido possível, porém com as conjecturas sobre a realidade e a confusão mental que a criança é exposta, acaba trazendo dificuldades para a intervenção psicológica. Quando a criança tem oportunidade de ir ao funeral e pode acessar a dor, pode facilitar a aceitação do fato, pois o psicólogo, poderá nesse dado momento agir de forma interventiva (Aberastury, 1984).

O luto na infância por morte na circunstância repentina de um dos genitores pode trazer uma variedade de emoções intensas, além de prováveis dificuldades de vínculos e desenvolvimento emocional. A forma como a criança é acolhida durante esse período é crucial para diminuir o impacto da perda. A possibilidade de participação dos rituais de despedida, a transparência no diálogo em relação a morte e as aberturas para expressão de sentimentos são fatores essenciais para possibilitar a elaboração do luto. O apoio adequado, da família ou de profissionais pode diminuir o risco de psicopatologias a curto e longo prazo, auxiliando a criança a trazer ressignificação da sua perda de uma forma mais saudável.

5. Considerações finais

A partir do estudo realizado, foi possível constatar que a perda de um genitor, sobretudo na infância, ocorrendo de maneira inesperada, poderá gerar impactos profundos e prolongados na saúde mental da criança, afetando o campo emocional, seus vínculos de apego e o desenvolvimento cognitivo e social. Tal perda pode repercutir de múltiplas maneiras, ameaçando o bem-estar emocional infantil, gerando sentimento de insegurança, medo do abandono e, em alguns casos, dificultando o retorno à rotina e às relações do dia a dia. Essas repercussões podem trazer efeitos negativos na aprendizagem, na autoestima e na construção de vínculos futuros.

Explorando os fatores centrais incluídos no processo de luto na infância, principalmente no contexto da perda de um dos genitores, foram ponderadas as distintas perspectivas em relação a ausência de um cuidador protagonista e seus impactos nas emoções e a adequação psicológica de crianças, os benefícios que um suporte adequado, o diálogo transparente e a participação de rituais de despedida podem contribuir para a ressignificação da perda e elaboração do luto. Foi mostrado que práticas terapêuticas voltadas para o acolhimento emocional da criança, desde o diálogo a abertura da expressão de sentimentos e emoções têm um papel crucial no processo do luto na infância, havendo uma grande relevância que os familiares e os cuidadores entendam a importância dessas práticas e participem de forma sensível e aberta.



Um dos potenciais do presente trabalho, encontra-se a contribuição para a Psicologia ao abordar esse tema que se mostra muito sensível e complexo, necessitando de atenção e cuidado nos campos familiar e clínico. A pesquisa evidencia a necessidade de apoio psicoemocional dentro do ambiente familiar e profissional, enfatizando que a escuta ativa e a validação dos sentimentos e emoções da criança trazem benefícios em relação a possibilidade de surgimento de psicopatologias futuras, como ansiedade, depressão e problemas no estabelecimento de novos vínculos afetivos. Esse trabalho traz contribuições para uma melhor compreensão teórica em relação ao impacto da perda de um dos genitores, mas também traz orientações práticas que podem trazer um favorecimento a um processo de luto saudável, passível de uma melhor elaboração.

Foi possível perceber limitações na pesquisa em relação a ausência de análises empíricas que podem avaliar de forma prática, a efetividade de intervenções específicas, trazendo limitações para a comprovação de forma concreta dos efeitos dos métodos discutidos. Mesmo considerando essas limitações, este trabalho forneceu uma base teórica consistente em relação à influência do luto na infância em decorrência da perda de um dos genitores trazendo respostas aos objetivos que foram propostos e reforçando a importância do apoio e acolhimento durante esse processo.

Portanto, pesquisas futuras, especialmente estudos longitudinais e que incluam avaliação de intervenções específicas, podem fornecer dados concretos sobre como a criança processa a perda ao longo do tempo, quais fatores potencializam a resiliência e quais recursos são mais eficazes para minimizar efeitos negativos no desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Assim, a continuidade dessas investigações permitirá não apenas validar práticas já discutidas teoricamente, mas também aprimorar políticas públicas e protocolos clínicos, contribuindo para a qualidade de vida e o desenvolvimento saudável de crianças enlutadas.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. ***A percepção da morte na criança***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros.

Interação em Psicologia, v. 15, n. 1, 2011.

ARIÈS, Philippe. ***História da morte no Ocidente***. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BORGES, Laura; CIA, Fabiana. Rotina familiar e acadêmica de famílias de alunos durante o isolamento social. ***Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade***, v. 8, n. 16, p. 202-217, 5 jan. 2021.



BOWLBY, John. **Apego e perda**. 3 v. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COELHO FILHO, João Ferreira; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Gestalt-terapia e luto: uso da self-box como experimento no trabalho clínico com enlutados.

Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity, v. 15, n. 02, 2023.

DE MELLO, Glenda Ramos Ebert; LIMA, Louizia Pinto; MOTA, Daniela Cristina Belchior. Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira. **Revista Saber Digital**, v. 14, n. 1, p. 70-88, 2021.

DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 577-589, 2003.

ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre, 2014.

FIELD, Nigel. Unresolved grief and continuing bonds: an attachment perspective. **Death Studies**, v. 30, n. 8, p. 671-682, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16972370/>. Acesso em: 29 set. 2025.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 2005.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, p. 503-511, 2007.

GIARETTON, Daynah Waihrich Leal et al. **A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, p. e250035, 2020.

GIORGIO, Amedeo. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GONÇALVES, Josiane Peres. Ciclo vital: início, desenvolvimento e fim da vida humana possíveis contribuições para educadores. **Revista Contexto & Educação**, v. 31, n. 98, p. 79-110, 2016.

GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, v. 8, n. 3, p. 5-12, 2000.

KINIJNIK, Jorge; ZAVASCHI, Maria Lúcia Tiellet. Luto complicado na infância. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 16, p. 235-242, 1994.



KLINGER, Ellen Fernanda. **O luto infantil diante da morte de um dos genitores: uma análise da percepção dos pais e responsáveis.** 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

KOVÁCS, Maria Julia. Morte na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 44, p. 21-29, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, p. 457-468, 2008.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, p. 71-81, 2012.

KOVÁCS, Maria Julia. **Conversando sobre a vida e a morte.** São Paulo: Editora FTD, 2018.

LIMA, Deyseane Maria Araújo. Como falar sobre a morte com as crianças? In: BRANDÃO, Cintia Lavratti; ZANELLA, Rosana. (Orgs.). **Psicoterapia on-line infantojuvenil em tempos de COVID-19**. Curitiba: Juruá, 2020.

LONGBOTTOM, Sara; SLAUGHTER, Virgínia. Sources of children's knowledge about death and dying. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 373, n. 1754, 20170267, jul. 2018.
<https://doi.org/10.1098/rstb.2017.0267>

MARTON, Scarlett. **A morte como instante de vida.** Curitiba: PUCPRESS, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OAKLANDER, Violet. **A janela da criança.** São Paulo: Summus, 1980.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus, 1998.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.



PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

PRIGERSON, Holly. Complicated grief: diagnostic criteria and empirical validation. **American Journal of Psychiatry**, v. 152, p. 22-30, 1995.

RAIMBAULT, Ginette. **A criança e a morte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RIBAS, Maria Alice Coelho; SOUZA, Carmen Rosane Segatto. Impacto do cuidado para o desenvolvimento saudável da criança na primeira infância.

Educanálise, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40432>.
Acesso em: 25 set. 2025.

RIBEIRO, José Pais. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 15, n. 3, p. 671-682, 2014.

RODRIGUES, Luiz Henrique Fortunato; PREBIANCHI, Helena Bazanelli. Estresse e estratégias de enfrentamento em crianças e adolescentes em acolhimento institucional em casas lares. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 41 (n.spe 3), e192765, 1-17, 2021.

RODRIGUEZ, Claudia Fernanda. **Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?** 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUEZ, Nelson. **O espetáculo da morte na mídia**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROOT, Bernice; EXLINE, Julie. Continuing bonds in bereavement. **Journal of Death Studies**, v. 28, p. 21-39, 2014.

SENGIK, Aline Sberse; Ramos, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introduction to phenomenology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk; FINKENAUER, Catrin. The dual process model of coping with bereavement. **Journal of Death Studies**, v. 25, p. 267-285, 2001.

TORRES, Walter. **A criança diante da morte dos pais**. São Paulo: Cortez, 1996.

TORRES, Walter. **Psicologia do luto na infância**. São Paulo: Cortez, 2012.



TORRES, Wilma da Costa. A criança diante da morte: compreensão e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1987.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da criança sobre a morte. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 26-33, 2005. Disponível em:
<http://revistas.usp.br/rmrp/article/view/420> Acesso em: 29 set. 2025.

VON HOHENDORFF, Jean; MELO, Wilson Vieira de. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZAVASCHI, Maria Lúcia Tiellet. Perda de genitor na infância: impacto psicológico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24, p. 146-152, 2002.

Recebido em: 05 de maio de 2025.
Aceito em: 04 de outubro de 2025.
Publicado em: xx de janeiro de 2026.

